

Epônimos versus terminologia anatômica

Eponyms versus anatomical terminology

DOI:10.34117/bjdv7n11-426

Recebimento dos originais: 12/10/2021

Aceitação para publicação: 24/11/2021

Ana Paula dos Santos

Graduanda do Curso de Graduação em Farmácia

Centro universitário Ingá – Uningá

Endereço: Rod, PR 317,6114 Parque Industrial 200, Maringá-PR/CEP:87035-510

E- mail: anabrunholle26@gmail.com

Claudia Cristina Batista Evangelista Coimbra

Graduada em Ciências Biológica- UEM

Especialista e Bases Morfológica e Fisiológica - UEM

Centro universitário Ingá – Uningá

Endereço: Rod, PR 317,6114 Parque Industrial 200, Maringá-PR/CEP:87035-510

E-mail: prof.claudiacoimbra@uninga.edu.br

RESUMO

Introdução: Epônimos são vocábulos tradicionalmente utilizados na anatomia, no entanto, a comunidade científica mostra-se dividida em relação a utilização ou não destes termos. Objetivo: Realizou-se uma pesquisa bibliográfica para descrever para aquelas estruturas anatômicas de maior importância clínica, a sua nomenclatura oficial vigente e correlacioná-la com seu respectivo epônimo. Método: Tratou-se de uma pesquisa de revisão integrativa realizada nos bancos de dados da Biblioteca Virtual em Saúde. O levantamento dos estudos ocorreu nos meses de junho e julho de 2021. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos originais disponíveis integralmente de forma online e gratuita. Uma lista abrangente de epônimos e terminologias anatômicas compilada da literatura impressa também foi consultada. Desenvolvimento: Foram selecionados para esta revisão 27 artigos científicos e um livro de terminologia anatômica. Identificou-se um total de 238 estruturas anatômicas contendo epônimos e o maior número de estruturas anatômicas foi evidenciado no sistema nervoso central com 51 estruturas descritas (21,5%) seguido por 46 no sistema cardiovascular (19,3%), 28 no sistema digestório (11,8%), 27 no sistema muscular (11,3%), 25 no aparelho reprodutor (10,5%), 19 no sistema esquelético (8,0%), 15 no sistema urinário (6,3%), 9 no sistema respiratório (3,8%), 9 sistema tegumentar (3,8%), 6 no sistema endócrino (2,5%) e 3 no sistema articular (1,2%). Conclusão: Há uma escassez de pesquisas disponíveis nos bancos de dados discorrendo especificamente sobre os epônimos e suas nomenclaturas oficiais, sobretudo em âmbito nacional. A maioria dos artigos encontrados foi artigos internacionais com conteúdo crítico ou reflexivo sobre o emprego dos epônimos no campo da anatomia.

Palavras-Chave: Anatomia humana, Epônimos, Terminologia anatômica.

ABSTRACT

Introduction: Eponyms are words traditionally used in anatomy, however, the scientific community is divided in relation to the use or not of these terms. **Objective:** A bibliographical research was carried out to describe, for those anatomical structures of greater clinical importance, their current official nomenclature and to correlate it with their respective eponym. **Method:** This was an integrative review research carried out in the databases of the Virtual Health Library. The survey of studies took place in June and July 2021. The inclusion criteria used were: original articles available entirely online and free of charge. A comprehensive list of anatomical eponyms and terminology compiled from the printed literature was also consulted. **Development:** Twenty-seven scientific articles and a book on anatomical terminology were selected for this review. A total of 238 anatomical structures containing eponyms were identified and the largest number of anatomical structures was evidenced in the central nervous system with 51 described structures (21.5%) followed by 46 in the cardiovascular system (19.3%), 28 in the digestive system (11.8%), 27 in the muscular system (11.3%), 25 in the reproductive system (10.5%), 19 in the skeletal system (8.0%), 15 in the urinary system (6, 3%), 9 in the respiratory system (3.8%), 9 in the integumentary system (3.8%), 6 in the endocrine system (2.5%) and 3 in the articular system (1.2%). **Conclusion:** There is a shortage of research available in the databases specifically discussing eponyms and their official nomenclatures, especially at the national level. Most of the articles found were international articles with critical or reflective content on the use of eponyms in the field of anatomy.

Keywords: Anatomical terminology, Eponyms, Human anatomy.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a introdução ao estudo da anatomia humana teve um propósito puramente acadêmico e descritivo e com intuito principal de identificar e nomear as estruturas do corpo, no entanto, na atualidade a importância dessa ciência reside, sobretudo, na sua abordagem funcional e aplicabilidade clínica (TALAMONI, 2014). Ao longo dos tempos, a ciência tem se ocupado de elaborar termos para designar as partes do corpo humano, e não raramente, diferentes nomenclaturas são empregadas para denominar uma mesma estrutura, o que contribui para a ocorrência de equívocos conceituais (LOSARDO et al., 2015, DUQUE-PARRA, 2017).

De acordo com Araújo (2017) estima-se que até o final de século 19 havia cerca de 50 mil termos para nomear pouco mais de 5.000 estruturas corporais, com algumas delas datando de mais de 25 séculos atrás. Essa multiplicidade de terminologias anatômicas contribui para a ausência de uniformidade levando a entraves na comunicação entre anatomistas e outros profissionais de saúde (DUQUE-PARRA, 2017; LOSARDO et al., 2015, ROA; DEL SOL, 2015, GEST, 2014).

Entre essas inúmeras terminologias encontram-se os epônimos, vocábulos que fazem parte da linguagem anatômica há séculos. Originária do grego epónimos, que

literalmente significa “aquele que dá seu nome” ou “o nome assim dado”, este termo é tradicionalmente utilizado para descrever um personagem real ou fictício que empresta o seu nome a um lugar, construção, dinastia, etc (FARGEN; HOH, 2014, LUSTIG; JACKLER, 1999). Se apropriando deste recurso, a anatomia médica tem descrito e designado com epônimos partes do organismo humano, além de doenças, síndromes, sinais ou sintomas clínicos para homenagear ou reconhecer quem os descreveu primeiro (DUQUE-PARRA, 2020).

Fargen; Hoh (2014) e Fontelles et al. (2006) relatam que além de recompensar a contribuição do descobridor, os epônimos também facilitam o processo de ensino/aprendizagem, uma vez que favorecem a memorização de estruturas infindáveis e com nomes bastante complexos. Além disso, diversos autores defendem que estes termos trazem beleza e eficiência à literatura médica e estão profundamente enraizados na história da educação há incontáveis séculos (DUQUE-PARRA, 2020, MUSSO, 2019, GEST, 2014).

No entanto, apesar destes termos estarem amplamente arraigados à linguagem contemporânea, muitos estudiosos opõe-se a sua utilização, sobretudo por compreenderem que na prática, esses termos apresentam um formato antididático, exigindo do aluno a memorização de aproximadamente dez mil epônimos existentes e que, na maioria das vezes, não fornecem informações relevantes sobre o que está sendo estudado (DUQUE-PARRA, 2020; DUQUE-PARRA, 2018).

Embora a eponímia seja importante para preservar a memória histórica daqueles que deram grandes contribuições ao conhecimento morfológico, muitas vezes ela homenageia apenas a pessoa que a descreveu ou a publicou, configurando assim, uma injustiça e até mesmo um erro grosseiro para a lógica do pensamento contemporâneo (RASTOGI et al., 2019, FERGUSON; THOMAS, 2014, WOYWODT; MATTESON, 2007). Para Vázquez; Del Sol (2014) seu uso é inconsistente, arbitrário e frequentemente influenciado pela geografia e cultura local de uma época, além de poderem estar contaminados por ideologias políticas. Já Musso (2019) e Fargen; Hoh (2014) argumentam que além dos epônimos possuírem limitações significativas, eles se tornaram obsoletos e anacrônicos.

Neste sentido, no ano de 1989 a Federação Internacional de Associações de Anatomistas (IFAA) criou o Comitê Federativo Internacional de Terminologia Anatômica (FICAT) para revisar, corrigir e aprimorar permanentemente a terminologia anatômica internacional e unificar a linguagem empregada pelos profissionais das

ciências morfológicas. Em 1998, a IFAA determinou que fossem excluídos os epônimos dos termos anatômicos e estabeleceu uma série de indicações e sugestões com o objetivo de regular e padronizar os nomes das estruturas morfológicas a partir de então (LOSARDO et al. 2010).

Assim, ficou estabelecido que a denominação das estruturas morfológicas deve ser realizada com uma única palavra, em latim (língua oficial), ser descrita da forma mais fiel aos princípios da posição e forma, concentrar a informação e a descrição da estrutura, não empregar epônimos, devendo a palavra ser traduzida para o vernáculo de cada país (FERREIRA; ARAÚJO, 2014; LOSARDO et al., 2015). No entanto, apesar destas regulamentações, os epônimos ainda continuam a ser usados indiscriminadamente na linguagem das ciências morfológicas, configurando-se em uma polêmica questão e um obstáculo a ser superado (DUQUE-PARRA, 2020).

Considerando o exposto e a relevância deste assunto para as ciências morfológicas e a importância do uso adequado da terminologia anatômica, este trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica buscando descrever para aquelas estruturas anatômicas de maior importância clínica, a sua nomenclatura oficial vigente e correlacioná-la com seu respectivo epônimo.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa. O levantamento bibliográfico foi conduzido em quatro etapas, conforme preconizado por Mendes et al. (2008). Na primeira etapa, os artigos foram selecionados a partir de uma busca sistematizada na página online da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS/BIREME) nos meses de junho e julho de 2021. Na BVS foram consultadas as seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE). Uma lista abrangente de epônimos e terminologias anatômicas compilada da literatura impressa também foi consultada.

Na segunda etapa foram definidos os descritores inseridos na busca dos artigos e os critérios de inclusão/exclusão. Para a busca dos materiais foram utilizados termos dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) nos idiomas português e inglês: “epônimos” “eponyms” e “anatomia” “anatomy” combinados entre si com o auxílio dos operadores booleanos AND e OR para aumentar a sensibilidade da busca. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos originais que discorriam sobre estruturas anatômicas contendo

epônimos e suas respectivas terminologias anatômicas oficiais, disponíveis integralmente de forma online e gratuita.

A terceira etapa consistiu na realização de uma leitura dos títulos e resumos dos artigos selecionados a fim de identificar os trabalhos que abordavam o tema objeto desta revisão. A quarta etapa se referiu à análise dos artigos selecionados e a elaboração de um glossário contendo estruturas anatômicas de maior importância clínica, cada qual com sua nomenclatura oficial vigente correlacionada com seu respectivo epônimo.

3 DESENVOLVIMENTO

Foram selecionados para esta revisão 27 artigos científicos e um livro de terminologia anatômica. Identificou-se nestas publicações um total de 238 estruturas anatômicas contendo epônimos e apenas por uma questão didática este trabalho separou as partes do corpo humano por sistemas fisiológicos. Um maior número de estruturas anatômicas foi evidenciado no sistema nervoso central (SNC) com 51 estruturas descritas (21,5%) seguido por 46 no sistema cardiovascular (19,3%), 28 no sistema digestório (11,8%), 27 no sistema muscular (11,3%), 25 no aparelho reprodutor (10,5%), 19 no sistema esquelético (8,0%), 15 no sistema urinário (6,3%), 9 no sistema respiratório (3,8%), 9 sistema tegumentar (3,8%), 6 no sistema endócrino (2,5%) e 3 no sistema articular (1,2%).

Nossos achados estão em conformidade com o trabalho de Abdala (2007) que também identificou em sua pesquisa que os epônimos dos sistemas nervoso central e cardiovascular são os mais frequentes na literatura. Os dados encontrados nesta da pesquisa estão organizados em quadros, conforme segue abaixo.

Quadro 1. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Nervoso Central (SNC).

Terminologia oficial	Epônimo
Abertura lateral do quarto ventrículo	Forame de Luschka
Abertura mediana do quarto ventrículo	Forame de Magendie
Aqueduto do Mesencéfalo	Aqueduto de Sylvius
Confluência dos seios da dura-máter	Tórula de Herófilo
Decussação de pedúnculo cerebelar superior	Decussação de Wenerkink

Decussação Tegmental anterior	Decussação de Forel
Decussação Tegmental posterior	Decussação de Meynert
Estria da lâmina granular externa (Córtex)	Faixa externa de Baillanger
Estria da lâmina granular interna (Córtex)	Faixa interna de Baillanger
Estria diagonal	Faixa diagonal de Broca
Estria longitudinal medial	Estria de Lancisi
Estria occipital	Estria de Gennari
Fascículo cuneiforme	Trato de Burdach
Fascículo interfascicular	Feixe de Hoche
Fascículo longitudinal posterior	Fascículo de Schütze
Fascículo mamilotalâmico	Feixe Vicq d' Azyr
Fascículo septomarginal	Feixe oval de Flechsig
Fascículo uncinado do cerebelo	Feixe uncinado de Russel
Forame interventricular cerebral	Forame de Monro
Gânglio espiral da cóclea	Gânglio de Corti
Gânglio trigeminal	Gânglio de Gasser
Gânglio Vestibular	Gânglio de Scarpa
Giro frontal inferior do hemisfério cerebral esquerdo	Circunvolução de Broca
Giros temporais transversos	Giro transverso de Heschl
Glândula Pineal	Olho de Horus
Granulações aracnóideas	Granulações de Pachionni
Ínsula	Ilha de Reil
Interrupções das bainhas de mielina	Nódulos de Ranvier
Nervo do canal pterigóideo	Nervo Vidiano
Neurolemócito	Células de Schwann

Núcleo basilar (olfatório)	Núcleo de Meynert
Núcleo cuneiforme	Núcleo de Burdack
Núcleo da comissura posterior do mesencéfalo	Núcleo de Darcschewitsch
Núcleo grácil	Núcleo de Goll
Núcleo óculo motor no mesencéfalo	Núcleo de Edinger-Westphal
Núcleo Subbraquial	Àrea Tegmental de Tsai
Núcleo Subhipoglossal	Núcleo de Roller
Núcleo Subtalâmico	Núcleo de Luys
Núcleo torácico posterior	Núcleo de Stilling-Clarke
Núcleo visceral	Núcleo de Edinger-Westphal
Núcleos dos campos perizonais (subtálamo)	Núcleos dos campos de Forel
Ponte (tronco cerebral)	Ponte de Varólio
Ramo terminal do nervo trigêmeo	Nervo de Willis
Sulco central do hemisfério cerebral	Sulco de Rolando
Sulco lateral do hemisfério cerebral	Sulco de Sylvius
Trato espinocerebelar anterior	Trato de Gower
Trato espinocerebelar posterior	Trato de Flechsig
Trato espinolivar	Trato de Hellweg
Trato frontopontino	Trato de Arnold
Trato habenuointerpeduncular	Feixe retroflexo de Meynert
Trato solitário	Feixe respiratório de Gierke

Fonte: SBA (2001), Abdala (2007), Berner et al. (2021), Costa; Costa (2017).

Quadro 2. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Cardiovascular.

Terminologia oficial	Epônimo
Ducto arterial	Ducto de Botal
Fascículo atrioventricular	Feixe de His

Fascículo atrioventricular	Feixe de Kent
Fibras subendocárdicas	Fibras de Purkinje
Forame oval	Forame de Botal
Gânglios cardíacos	Gânglios de Wrisberg
Incisura cardíaca	Ângulo de His
Ligamento arterial do coração	Ligamento de Botal
Ligamento arterial do coração	Ligamento de Harvey
Nervo cardíaco cervical inferior	Nervo de Pavlov
Nó atrioventricular	Nó de Tawara
Nó sinoatrial	Nó de Kock
Nó Sinoatrial	Nódulo de Keith-Flack
Nódulo da válvula semilunar	Nódulo de Morgagni
Nódulo da válvula semilunar	Nódulo de Valsalva
Prega da veia cava esquerda	Prega de Masrshall
Ramos subendocárdicos	Fibras de Purkinje
Seio da aorta	Seio de Valsava
Tendão da válvula da veia cava inferior	Tendão de Todaro
Trabécula septomarginal	Corde de Leonardo
Tubérculo intervenoso	Tubérculo de Lower
Válvula da veia cava inferior	Válvula de Eustáquio
Válvula do seio coronário	Válvula de Tebésio
Veia oblíqua do átrio esquerdo	Veia de Marshall
Veias cardíacas mínimas	Veias de Tebésio
Anastomose entre as artérias mesentérica superior e inferior	Anastomose de Riolan
Arco Justacólico	Artéria marginal de Drummond

Artéria estriada distal medial	Artéria recorrente de Heubner
Artéria radicular anterior	Artéria de Adamkiewicz
Artéria Supraduodenal	Artéria de Wilkie
Círculo arterial cerebral	Polígono de Willis
Confluência dos seios venosos	Torcular de Herophili
Plexo venoso retro occipital	Plexo venoso de Recktorzik
Plexo venoso vertebral	Plexo de Batson
Seio da aorta	Seio de Valsalva
Seio venoso da esclera	Canal de Schlemm
Tronco celíaco	Tronco de Haller
Veia anastomótica inferior do cérebro	Veia de Trolard
Veia basilar	Veia de Rosenthal
Veia cerebral superficial média	Veia de Labbé
Veia magna do cérebro	Veia de Galeno
Veia oblíqua	Veia de Marshall
Veia petrosa superior	Veia de Dandy
Veia pré-pilórica	Veia de Mayo
Veia prosencefálica mediana	Veia prosencefálica de Markowski

Fonte: SBA (2001), Werneck; Batigália (2011), Burdan et al. (2016), Costa; Costa (2017).

Quadro 3. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Digestório.

Terminologia oficial	Epônimo
Ampola hepatopancreática	Ampola de Vater
Arco justacólico	Arcada de Riolan
Cápsula fibrosa perivascular do fígado	Cápsula de Glisson
Colunas anais	Colunas de Morgagni
Corpo adiposo da bochecha	Bola gordurosa de Bichat

Crista palatofaríngea	Crista de Passavant
Divertículo ileal	Divertículo de Meckel
Ducto parotídeo	Ducto de Stenon
Ducto sublingual maior	Ducto de Bartholin
Ducto sublingual menor	Ducto de Rivinus
Esfíncter da ampola hepatopancreática	Esfíncter de Oddi
Flexura duodenojejunal	Ângulo de Treitz
Forame cego da língua	Forame de Morgagni
Glândulas sublinguais	Glândulas de Rivinus
Glândulas duodenais	Glândulas de Brünner
Glândulas intestinais	Criptas de Lieberkühn
Glândulas linguais	Glândulas de Bauhin
Lobo caudado do fígado	Lobo de Spiegel
Óstio ileal	Valva de Balhin
Papila duodenal maior	Papila de Vater
Pécten anal	Pécten de Stroud
Plexo simpático mientérico	Plexo de Auerbach
Plexo submucoso do intestino	Plexo de Meissner
Prega ileocecal	Prega exangue de Treves
Prega transversa do reto	Prega de Kolraush
Pregas circulares do intestino delgado	Valvas de Kerkring
Trígono cisto hepático	Triângulo de Calot
Válvulas anais	Valvas de Ball

Quadro 4. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do sistema muscular.

Terminologia oficial	Epônimo
Anel tendíneo do olho	Anel de Zinn

Aponeurose do músculo bíceps braquial	Aponeurose de Pirogoff
Bolsa do Músculo semimembrâneo	Bolsa de Brodie
Camada membranácea do períneo	Fáscia de Colles (períneo)
Canal pudendo	Canal de Alcock
Compartimento anterior do antebraço	Espaço de Parona
Fáscia envoltória dos rins	Fáscia de Gerota
Fáscia palmar	Fáscia de Dupuytren
Fáscia subcutânea profunda	Fáscia de Scarpa
Fáscia subcutânea superficial	Fáscia de Camper
Fáscia superficial de períneo	Fáscia de Buck (períneo)
Fibras meridionais do músculo ciliar	Músculo de Brücke
Infundíbulo da vesícula biliar	Bolsa de Hartmann
Músculo abductor do quinto metatarsal	Músculo de Wood
Músculo articular do cotovelo	Pronador da ulna de Lecomte
Músculo braquial	Músculo de Casserio
Músculo escaleno mínimo	Músculo de Müller
Músculo esfíncter da ampola pancreática	Esfíncter de Oddi
Músculo iliopsoas	Músculo de Hyrtl
Músculo orbital	Músculo de Müller
Músculo risório	Músculo de Santorin
Músculo serrátil anterior	Músculo de Boxer
Músculo suspensor do duodeno	Músculo de Treitz
Parte lacrimal do músculo orbicular do olho	Músculo de Horner
Parte profunda do músculo orbicular do olho	Músculo de Horner
Tracto ileotibial da fáscia lata	Cinta de Maissiat

Trígono lombar superior

Triângulo de Lesshaft

Fonte: SBA (2001), Costa; Costa 2017).

Quadro 5. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Aparelho Reprodutor.

Terminologia oficial	Epônimo
Apêndice vesicular	Hidátide de Morgagni
Células intersticiais do testículo	Células de Leydig
Ducto longitudinal do epidídimo	Ducto de Gartner
Dúctulo aberrante inferior	Dúctulo aberrante de Haller
Epidídimo	Órgão de Rosenmüller
Escavação ou Recesso retouterino	Fundo de saco de Douglas
Espaço retropúbico	Cavo de Retzius
Fáscia profunda do pênis	Fáscia de Buck
Fáscia retroprostática	Fáscia de Denonvillier
Folículo ovárico antral	Folículo de Graaf
Glândulas bulbouretrais masculinas	Glândulas de Cowper
Glândulas vestibulares maiores	Glândulas de Bartholin
Ligamento fundiforme do clitóris	Faixa de Retzius
Ligamento retouterino	Ligamento de Petit
Ligamento transverso do colo uterino	Ligamento de Mackenrodt
Lobo médio da próstata	Glândula de Albarran
Paradídimo	Órgão de Giralés
Paradídimo	Órgão de Waldeyer
Paraoóforo	Túbulos de Kolbet
Plexo uterovaginal	Gânglio de Frankenhäuser
Prega Interuterina	Barra de Mercier
Rede do testículo	Rede de Haller

Tela subcutânea do pênis	Fáscia de Colles
Tuba uterina	Trompa de Falópio
Túnica dartos	Fáscia de Colles (escroto)

Fonte: SBA (2001), Costa; Costa (2017).

Quadro 6. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Esquelético.

Terminologia oficial	Epônimo
Ângulo do esterno	Ângulo de Louis
Asa menor do esfenóide	Processo de Ingrassia
Canal pterigoideo	Canal Vidiano
Cartilagem cuneiforme	Cartilagem Wrisberg
Cartilagem vomeronasal	Cartilagem de Jacobson
Cartilagem corniculada	Cartilagem de Santorini
Diâmetro sacro-púbico esterno	Diâmetro de Baudelocque
Espaço na substância compacta do osso	Canais de Havers
Espinha suprêmeática	Espinha de Henle
Ossos sutural	Ossos de Worm
Quiasma tendíneo	Quiasma de Camper
Seio maxilar	Antro de Highmore
Tendão do calcâneo	Tendão de Aquiles
Trato ileotibial	Bandelete de Maissiat
Tubérculo carótico	Tubérculo de Chassaignac
Tubérculo dorsal do rádio	Tubérculo de Lister
Tubérculo lateral da tíbia	Tubérculo de Gerdy
Tubérculo para o músculo escaleno anterior	Tubérculo de Lis Franc
Túnel ulnar	Canal de Guyon

Fonte: SBA (2001), Novak; Giostri; Nagai (2008), Costa; Costa (2017).

Quadro 7. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Urinário.

Terminologia oficial	Epônimo
Cápsula glomerular	Cápsula de Bowman
Colunas renais	Colunas de Bertin
Ducto parauretral	Túbulos de Skene
Fáscia renal	Fáscia Gerota
Glândulas bulbouretrais	Glândulas de Cowper
Glândulas uretrais masculina	Glândulas de Littré
Glomérulo renal	Glomérulo de Malpighi
Lacunas uretrais	Lacunas ou criptas de Morgagni
Músculo esfíncter externo da uretra	Músculo de Guthrie
Orifícios dos tubos coletores dos rins	Ductos de Bellini
Raios medulares do córtex renal	Pirâmides de Ferrein
Recesso hepatorenal	Saco de Morison
Segmento em alça do néfron	Alça de Henle
Trígono da bexiga	Trígono de Lieutaud
Túbulos coletores de rim	Túbulos de Bellini

Fonte: SBA (2001); Costa; Costa (2017).

Quadro 8. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema respiratório.

Terminologia oficial	Epônimo
Anel linfático da faringe	Anel de Waldeyer
Glândulas olfatórias	Glândulas de Bowman
Ilhotas olfatórias	Ilhotas olfatórias de Calleja
Nervo nasopalatino	Nervo de Scarpa
Órgão vomeronasal	Órgão de Jacobson
Proeminência laríngea	Pomo de Adão
Tonsila faríngea	Tonsila de Luschka

Tonsila tubária da faringe	Tonsila de Gerlach
Ventrículo da laringe	Ventrículo de Morgagni

Fonte: SBA (2001), Costa; Costa (2017).

Quadro 9. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Tegumentar.

Terminologia oficial	Epônimo
Glândulas ciliares	Glândulas de Moll
Glândulas lacrimais acessórias	Glândulas de Wolfring
Glândulas sebáceas da pálpebra	Glândulas de Zeis
Glândulas tarsais	Glândulas de Meibomio
Ligamentos suspensores da mama	Ligamento de Cooper
Linhas de clivagem da pele	Linhas de Langer
Processo lateral da mama	Cauda de Spence
Terminações nervosas sensitivas da pele especializadas para pressão	Corpúsculos de Pacini
Terminações nervosas sensitivas encapsuladas especializadas para o calor	Corpúsculos de Ruffini
Tubérculos areolares da mama	Tubérculo de Montgomery
Zônula ciliar	Zônula de Zinn

Fonte: SBA (2001), Costa; Costa (2017).

Quadro 10. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Endócrino.

Terminologia oficial	Epônimo
Ducto pancreático	Ducto de Wirsung
Ducto pancreático acessório	Ducto de Santorini
Ilhotas pancreáticas	Ilhotas de Langerhans
Ligamento suspensor da glândula tireóide	Ligamento de Berry
Lóbulo piramidal da tireóide	Pirâmide de Lallouette
Prega espiral	Valva de Heister

Fonte: SBA (2001), Costa; Costa (2017).

Quadro 11. Nomenclatura oficial vigente e seus correspondentes epônimos do Sistema Articular.

Terminologia oficial	Epônimo
Articulação tarsometatarsal	Articulação de Lisfranc
Articulação transversa do tarso	Articulação de Chopart
Bolsa retrohióidea	Bolsa de Boyer

Fonte: SBA (2001); Costa; Costa (2017).

A nomenclatura anatômica é a base da linguagem médica e por esse motivo deve ser clara, a fim de evitar equívocos; simples, para facilitar o entendimento; e concisa, a fim de economizar tempo de leitura e espaço em publicações (BURDAN et al. 2016; ABDALA, 2007, BACELAR et al. 2003). De acordo com Werneck; Batigália (2011) a existência de mais de uma terminologia para designar uma mesma estrutura anatômica e o uso de epônimos prejudicam a formação acadêmica e atrapalham a comunicação científica em um mundo globalizado.

Costa; Costa (2017) e Bazán-Delgado (2014) concordam que a multiplicidade de nomenclaturas pode gerar confusão, sobretudo entre os acadêmicos que aprenderam a terminologia anatômica nas primeiras séries do curso e justificam que a obsoleta prática de usar epônimos apresenta um formato antididático, sem contar que a eponímia não induz o pensamento anatômico ou funcional, provocando assim, ambiguidade no processo de aprendizagem (DUQUE-PARRA; RÍOS; RUEDA, 2016). Apesar das notáveis incoerências destes termos, em alguns países, seu uso ainda encontra-se vigente no processo de formação superior, concomitantemente com a terminologia anatômica oficial (COSTA; COSTA, 2017).

A constituição de uma linguagem objetiva, capaz de excluir qualquer ambiguidade é a premissa da uniformização da terminologia anatômica, facilitando assim, a comunicação dentro de uma rede de conhecimento compartilhado (DUQUE-PARRA; RÍOS; RUEDA, 2016). Bazán-Delgado (2014) defende que academicamente, é o discurso científico, através de uma linguagem especializada, que deve ser utilizado para comunicar o conhecimento da disciplina. Vásques; Del Sol (2014) corroboram ao afirmar ser extremamente valiosa a utilização de uma linguagem correta no meio acadêmico, já que, segundo estes autores, é improvável que um aluno possa aprender uma determinada disciplina sem ter a clareza da linguagem em que essa ciência está sendo expressa.

Embora haja uma proibição oficial para a utilização dos epônimos na terminologia acadêmica, eles estão presentes na mídia de massa, na internet e não raramente, são encontrados em materiais didáticos e livros médicos. (BURDAN et al. 2016). Santi;

Coimbra; Carrara (2015) realizaram uma revisão sistemática em livros de Fisiologia do Exercício com o objetivo de identificar possíveis termos anatômicos incorretos ou desatualizados e concluíram que mesmo após a última atualização da Nômina Anatômica, os livros didáticos analisados ainda possuíam epônimos e termos anatômicos errôneos e antepassados passíveis de causar prejuízos ao aprendizado acadêmico.

Terminologias desatualizadas também são recorrentes na prática médica, sobretudo durante exames clínicos e laudos médicos (BURDAN et al. 2016; DUQUE-PARRA; RÍOS; RUEDA, 2016). Esse fato está relacionado à alta popularidade de algumas eponímias, tais como, alça de Henle, papila de Vater, feixe de His, etc., que geralmente são muito mais curtos e conhecidos que os termos oficiais (Burdan et al. 2016).

Cruz-Gutiérrez; Cruz; Cruz (2010) afirmam que muitos profissionais na área da saúde não se atualizam e nem se esforçam para remover os epônimos do seu vocabulário de rotina, fazendo com que a comunicação médica e acadêmica seja regredida a um estado caótico pelo uso indiscriminado de termos obsoletos que desencadeia um analfabetismo profissional especializado. Deste modo, especialistas no mundo todo não medem esforços para promover o uso adequado da terminologia anatômica e, assim, construir uma nova realidade científica e cultural que permaneça de forma sólida. Para Losardo et al. (2015), esta é uma tarefa bastante complexa, já que em geral, o uso está à frente da norma, sendo extremamente difícil reverter a situação.

Para Werneck; Batigália (2011) os epônimos não são apenas difíceis de aprender, imprecisos, redundantes e etnocêntricos, eles são também claramente antiquados, devendo ser empregados apenas em publicações de interesse histórico e cultural. Neste sentido, a uniformização da terminologia anatômica oficial tem contribuído, cada vez mais, para que um grande número de epônimos seja esquecido, contribuído assim, para a eliminação da redundância terminológica (ABDALA, 2017, BURDAN et al. 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante destacar que este trabalho não pretendeu desacreditar a diligência e a preocupação do Comitê Federativo Internacional de Terminologia Anatômica (FICAT) de promover uniformidade nos termos anatômicos com vistas o alcance de uma melhor comunicação no campo das ciências médicas, ao contrário, destaca a importância de se ampliar o conhecimento em terminologia anatômica e salienta que a utilização da terminologia oficial vigente deve ser sempre priorizada.

A maioria dos artigos científicos encontrados, porém, tratou-se de artigos internacionais, com conteúdo crítico ou reflexivo sobre o emprego dos epônimos no campo da anatomia humana. Apesar do emprego dos epônimos na linguagem das ciências morfológicas, a comunidade científica mostra-se bastante dividida em relação a utilização ou não destes termos. Na atualidade há uma crescente de pesquisadores defendendo a erradicação total de epônimos, enquanto fortes correntes consideram que a eponímia, em função do seu uso milenar, generalizado e de forte tradição cultural, entre outras razões, contribui e enriquece a linguagem das ciências médicas.

Observou-se uma escassez de artigos científicos disponíveis nos bancos de dados discorrendo especificamente sobre os epônimos e suas respectivas nomenclaturas oficiais, sobretudo no âmbito nacional, deste modo, os achados desta pesquisa são essenciais para aprimorar o conhecimento de estudantes e profissionais da área da saúde.

REFERÊNCIAS

ABDALA P. Epónimos neuroanatómicos en Revista de Neurología en línea. Revista de Neurología, v.45, n.4, p.201-4, 2007.

BACELAR, S.; GALVÃO, C.C.; ALVES, E.; TUBINO, P. Expressões médicas: falhas e acertos. Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, v.18, n.3, p.3-7, 2003.

BAZÁN-DELGADO, A. La biología y su lenguaje científico, un análisis lingüístico. Santiago, v.133, p.261-71, 2014.

BENNER, D.; HENDRICKS, B.K.; BENET, A.; LAWTON, M.T. Eponyms in Vascular Neurosurgery: Comprehensive Review of 18 Veins. World Neurosurgery, v. 151, p. 190-20, 2021.

BURDAN, F.; DWORZAŃSKI, W.; CENDROWSKA-PINKOSZ, M.; BURDAN, M.; DWORZAŃSKA, A. Anatomical eponyms - unloved names in medical terminology. Folia Morphology (Warsz), v. 75, n.4, p.413-438, 2016.

COSTA, A.O.O.; COSTA, R.O.; COSTA, A.E.M. Epônimos no Ensino da Anatomia Humana: Percepção de Discente de Educação Física. In: Conexão Fаметro 2017 - Fortaleza/CE, 2018. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/conexaofametro2017/trabalho/38389>>. Acesso em: 04/07/2021.

CRUZ-GUTIÉRREZ, R.; CRUZ, C.F.; CRUZ, C.M. Pasado, presente y futuro de la anatomía, histología y embriología. Archivos de Anatomía de Costa Rica, v.7 n.9, p.54-59, 2010.

DUQUE-PARRA, J. E.; BARCO RÍOS, J.; ALDANA RUEDA, J.E. La Terminología Anatómica en Colombia y el uso de epónimos en la enseñanza en medicina. Revista Biosalud, v.15, n.1, p.82-86, 2016.

DUQUE-PARRA, J.E.; BARCO RÍOS, J.; ALDANA RUEDA, J.E. Quantification of the use of eponyms in two Latin American congresses of anatomy. Anatomy and Cell Biology, v.53, n.1, p.44-47, 2020.

DUQUE-PARRA, J.E.; BARCO-RÍOS, J.; DÁVILA-ALZATE, N. Los epónimos en las ciencias médicas: errores históricos que originan injusticias. Revista de la Facultad de Medicina, v. 66, n.1, p.87-90, 2018.

FARGEN, K.M.; HOH, B. L. The debate over eponyms. Clinical Anatomy, v. 27, n.8, p.1137-40, 2014.

FEDERATIVE COMMITTEE ON ANATOMICAL TERMINOLOGY (FCAT), Federative Committee on Terminological Terminology. Terminologia anatômica. International anatomical terminology. New York: Thieme Stuttgart; 1998.

FERGUSON, R.P.; THOMAS, D. Medical eponyms. Journal of Community Hospital Internal Medicine Perspectives, v. 4, n.3, p. 25046, 2014. FERREIRA, A.C.S.N.; ARAÚJO, T.B. Anatomia e Fisiologia Humana. NT Editora. -- Brasília: 196p. 2014.

FONTELLES, M.P.; CARVALHO, R.M.; PEREIRA, N.; JORGE, D.C.; MAIA, M.F. Dicionário de estruturas e termos anatômicos: versão bilíngue português/inglês empregando multimídia em CD-ROM. *Revista Paraense de Medicina*, v.20, n.2, p.1-12, 2006.

GEST, T. R. Anatomical nomenclature and the use of eponyms. *Clinical Anatomy*, v. 27, n.8, p.1141, 2014.

LOSARDO, R.J.; DE PRATES, N.V.B.; MARTINÉZ, M.A.; CABRAL, R.H., GÁRCIA-PELAÉZ, M.I. Terminología morfológica internacional: algo más que anatomía, histología y embriología. *International Journal of Morphology*, v.33, n.1, p. 400-7, 2015.

LOSARDO, R.J; GUTIÉRREZ, R.; DE PRATESM J.C.; BARBATO, N.E.V. Iberia-Latin-American Symposia of Morphological Terminology (SILAT). First two years and statute. *International Journal of Morphology*, v.28, n.4, p.1323-6, 2010.

LUSTIG, L.R.; JACKLER, R.K. The history of otology through eponyms II: the clinical examination. *American Journal of Otolaryngology*, v.20, p. 535-50, 1999.

MUSSO, C. G. Utilidad de los epónimos en medicina. *Archivos Argentinos de Pediatría*, v.117, n.3, p. 142-142, 2019.

NOVAK, E.M.; GIOSTRI, G.S.; NAGAI, A. Terminologia anatômica em ortopedia. *Revista Brasileira de Ortopedia*, v.43, n.4, p.103-7, 2008.

RASTOGI V.; SINGH, D.; TEKINER, H., YE, F.; MAZZA, J.J.; YALE, S.H. Abdominal Physical Signs of Inspection and Medical Eponyms. *Clinical Medical Research*, v.17, n. 3-4, p. 115-126, 2019.

ROA, I.; DEL SOL, M. Clarificación de la terminología Embryologica: Conducto de Gartner. *International Journal of Medical and Surgical Sciences*, v. 2, n.2, p. 481-6, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANATOMIA (SBA). Comissão Federativa da Terminologia Anatômica. Terminologia anatômica (CFTA). Terminologia anatômica internacional. São Paulo: Manole; 2001.

TALAMONI A.C.B. Anatomia, ensino e entretenimento. In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 23-37. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2s7y9/pdf/talamoni-9788568334430.pdf>. Acesso em 11

VÁSQUEZ, B.; DEL SOL, M. La terminología histológica en las ciencias médicas. *International Journal of Morphology*, v. 32, n.1, p.375-80, 2014.

WERNEC, A.L., BATIGÁLIA, F. Anatomical eponyms in Cardiology from to the 60s to the XXI century / Epônimos anatômicos em Cardiologia dos anos 60 aoséculo XXI. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular*, v. 26, n.1, p. 98-106, 2011.

WOYWODT, A.; MATTESON, E. Should eponyms be abandoned? Yes. *British Medical Journal*, v. 335, n.7617, p. 424, 2007.